

ORPHEU, UMA REVISTA-MANIFESTO

Jerónimo Pizarro*

Recebido: 05/10/2015
Aprovado: 20/11/2015

Resumo: Nas páginas da *Orpheu*, a revista que hoje mais identifica o Primeiro Modernismo Português, não apareceu um programa nem um manifesto, embora vários fossem contemplados. Estudar este aparente paradoxo e os planos de publicação desses tipos de textos é o intuito deste artigo. Apresentam-se alguns documentos do espólio pessoano datáveis de 1915-1917.

Palavras-chave: Fernando Pessoa; *Orpheu*; Modernismo; Manifestos; Planos de Publicação.

ORPHEU, A MANIFESTO-MAGAZINE

Abstract: In *Orpheu's* pages, magazine that nowadays is a hallmark of Portuguese Modernism, there has never been a written down program or a manifesto, even though many were considered. This article aims to study such apparent paradox, along the projects related to the texts that were never published. A few documents of Fernando Pessoa's legacy, dated between 1915 and 1917, will be presented.

Key-words: Fernando Pessoa; *Orpheu*; Modernism; Manifestos; Plans for Publishing.

Celebrou-se, em 2015, o centenário da revista *Orpheu* (1915), que foi o epicentro de um breve terramoto nas letras lusas, mais tarde conhecido como o Primeiro Modernismo Português. Outras revistas agitaram, sem abalar, o meio artístico de Lisboa, quase como réplicas de escassa magnitude, e a única que poderia ter causado um novo abalo, *Portugal Futurista* (1917), foi apreendida pela polícia pouco depois de sair para as bancas. Lida em retrospectiva, *Orpheu* parece-nos relativamente convencional – exceptuando, é claro, os textos de Álvaro de Campos e de Mário de Sá-Carneiro (não os de Pessoa, cujo “Marinheiro” depois de doze minutos faz com que “os mais ágeis e astutos” se sintam “com sono e brutos”, PESSOA, 2014, p. 228) – e surpreende-nos que tenha agitado tanto o ambiente literário, como demonstram os recortes de imprensa que foram colecionados por Pessoa e Sá-Carneiro (cf. PESSOA, 2009, pp. 663-668), atendendo a que: 1) alguns dos textos mais agressivos e provocadores de 1915 não foram publicados em *Orpheu 1* ou *Orpheu 2*; 2) os temas sensíveis da guerra e da situação política em Portugal estiveram ausentes da revista; 3) nenhum dos dois números publicados veio acompanhado de um programa ou manifesto. Textos como o poema “A Cena do Ódio”, publicado parcialmente apenas em 1923, escrito durante os poucos dias que durou a revolução de 14 de Maio de

* Professor na Universidad de los Andes / Facultad de Artes y Humanidades.

1915, o panfleto *O bando sinistro – Appello aos Intellectuaes Portuguezes* (Julho 1915), assinado por “Raul Leal, Collaborador de ‘Orpheu’”, ou o *Manifesto Anti-Dantas e por Extenso* (Outubro 1915 – Junho 1916), assinado por “José de Almada Negreiros, Poeta d’Orpheu, Futurista e Tudo”, são três textos que, tal como o *Ultimatum* de Álvaro de Campos, não chegaram a integrar as páginas publicadas do *Orpheu* (o poema “A Cena do Ódio” figura apenas nas provas de página de *Orpheu 3*, de 1917). Temas como a guerra, palavra que, como indicou Steffen Dix (2015, p. 25), surge apenas uma vez nas 247 páginas da revista, ou a revolução de 14 de Maio de 1915, nunca mencionada, apesar de ter sido a mais sangrenta da história portuguesa, como frisou José Barreto (2015, p. 71), são temas que simplesmente estão ausentes. Por outro lado, nem *Orpheu 1* nem *Orpheu 2* contêm um programa ou um manifesto, sendo que a introdução de Luís de Montalvor ao primeiro número é um convite ao exílio, a um exílio mais decadentista, ao estilo de Joris-Karl Huysmans, do que modernista, ao estilo de James Joyce. Então, porque provocou *Orpheu* tamanha agitação?

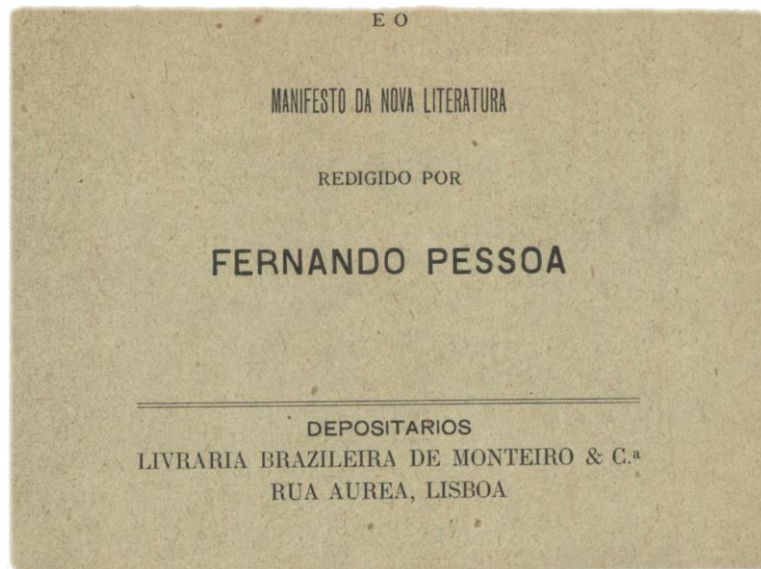
Neste artigo, não procurarei responder a esta pergunta de carácter mais geral, que talvez nos conduzisse a um estudo do meio intelectual português em 1915 e a visitar os três vocábulos pejorativos em dias de *Orpheu*, segundo José de Almada Negreiros (“botas de elástico”, “literatura” e “lepidóptero”; cf. NEGREIROS, 2015, pp. 26-30), mas apenas contribuir para a discussão e elucidação do último ponto que foquei: não terá faltado um programa ou um manifesto à revista-insígnia do Primeiro Modernismo Português? Para responder a esta pergunta revisitarei a revista *Orpheu*, apoiando-me na edição fac-similada editada pela Tinta-da-china (2015), bem como os planos de publicação de 1915-1917, incluídos no volume X da Edição Crítica de Fernando Pessoa, *Sensacionismo e Outros Ismos* (2009).

Orpheu 1 não continha nada que causasse, por si só, grande inquietação, se exceptuarmos o facto de se apresentar como um empreendimento luso-brasileiro (para quem desconhecesse a literatura transatlântica), o de ter como editor simbólico um menor de idade, António Ferro (embora ninguém tenha reparado), o facto de conter um soneto, “Torre Ignota” de Ronald de Carvalho, sem pontuação (embora tal se deva a uma decisão editorial de Pessoa e Sá-Carneiro para perturbarem os críticos, que, com certeza, não tinham lido Mallarmé; cf. PESSOA, 2009, p. 91), e pouco mais. Talvez também a capa de José Pacheco, com uma mulher nua entre dois altos círios, como se se tratasse de um

enterro (disseram as más línguas da época); sem dúvida os poemas de Sá-Carneiro, especialmente o poema intitulado “16”, que terminava com versos de que se fez troça, “Olha, lá vai êle a valsar / Vestido de casaca, nos salões do Vice-Rei”, ORPHEU, 2015, p. 12); e, manifestamente, a “Ode Triunfal”, bem mais do que o “Opiário”, de Álvaro de Campos, um opiómano inexcusável. Tal, porém, era pouco, ou pelo menos dizia respeito a poucos, praticamente só a Campos, de quem se tinha um autorretrato irónico: “Eu sou monárquico mas não católico / E gostava de ser as coisas fortes” (ORPHEU, 2015, p. 73). Sem o “r-r-r-r-r-r eterno” (ORPHEU, 2015, p. 77) da “Ode Triunfal”, *Orpheu 1* poderia, porventura, ter chocado menos. Mas essa ode de Campos encerrava provocatoriamente a revista e fazia parte “Dum livro chamado *Arco de Triunfo*, a publicar” (ORPHEU, 2015, p. 83) ou “em preparação” (ORPHEU, 2015, p. 2). Quem tivesse ficado indisposto com Campos, haveria de ter Campos a dobrar.

Junto com o primeiro número da revista, vinha também uma folha solta, com um anúncio duplo e algo enigmático, que deve ter gerado grande curiosidade (insiro duas metades que se conservam no espólio pessoano):





[BNP/E3, 48D-12^v e 49A⁴-31^v]

No verso desta folha de 18,8 × 13,8 cm, Pessoa redigiu não o prometido manifesto, mas uma série de outros textos: em 12^v, alguns apontamentos (ver PESSOA, 2009, pp. 150 e 522); em 31^v, um soneto inglês datado:

48 D-12

Cultura alburna:

Leve - 10.30, Leve Dist

Leve [amarelo] J.F. [illegible]

1. *Interseccionismo.*
2. *Vertigalismo.*
3. *(Alvaro d. Campos) Imortalismo. Distadurismo.*

Ad. espe com uma grand intencio de a concorrencia de ditencia a ma do de an' spirit (entao 'o out') d and po m ha memento p'las m ancessis ap'is.

Livro a ser publicado em 1915
 2. Apontamentos - PESSOA, 2009, pp. 150 e 522
 3. Livro a ser publicado em 1915

9-6-1915 49A⁴-31

My consciousness of life is a ship ever sailing away,
 Ever at the same point, but ever sailing away,
 In unmitable motion away from me, struck
 at the point of its tendency & direction, from
 the fact it can be thought to have sailed from
 the point without the help of any soul, it strikes far
 into my soul & to think of it, it chills me,
 For souls, unless willed, cannot turn back to
 what is behind them, nor help another not to
 reach there.

The part the ship has sailed for is left
 as a shell to reach
 the point it is at now, with the help of a being
 to ~~reach~~ ^{reach} my soul, yet it never ~~reaches~~ ^{reaches} it.
 That's why for others it may it can show
 it is now. Be back
 by the hand for my soul's easy
 left - or because of place or relative to
 my soul cannot be put into reach

[BNP/E3, 48D-12^v e 49A⁴-31^v]

Tal revela-nos que, em Junho de 1915, Pessoa concebeu uma distinção entre o “Interseccionismo” e o “Vertiginismo” ou “Vertigismo” (com a palavra “indefinismo” por baixo), e que a Álvaro de Campos atribuiu o “Associacionismo” e o “Hinduismo”, possíveis formas do “Sensacionismo puro”. Daí a observação que se encontra na margem inferior e se prolonga na direita:

“A[lvaro] de C[ampos] segue com uma grande intensidade e concentração de atenção a marcha do seu espirito (contrario do int[erseccionis]mo) de modo que não ha simultaneo n’elle *mas successivo rapido*. Como as sensações estão sempre ‘em marcha’, dá o dynamismo. – Preoccupa-se n’uma expressao das sensações”.

A prometida colaboração de Santa Rita Pintor teve de facto lugar, e *Orpheu 2*, já com novos directores, continha “4 hors-texte duplos” do Pintor, tão criticado por Sá-Carneiro na sua correspondência com Pessoa e com quem Almada cortaria relações, já cansado de quem se bastasse “com a notoriedade de andar por aí a brilhar em ‘histórias do Santa-Ritta” (NEGREIROS, 2015, p. 10). Mas onde estava o “Manifesto da nova literatura”? Onde estava o *Arco de Triunfo*?

Orpheu 2 custava os mesmos 30 centavos, veio a público com uma capa tipográfica que terá constituído uma grande novidade e era abertamente mais escandalosa. Anunciava uma “longa série de conferências de afirmação” na *rentrée*; abria com poemas inéditos de um poeta oficialmente alienado, Ângelo de Lima, respondendo assim, com elegância, às acusações de alienação dos seus colaboradores por parte dos psiquiatras portugueses que leram *Orpheu 1*; continha “Poemas sem Suporte”, de Mário de Sá-Carneiro, e nomeadamente uma suposta “blague”, “Manucure”, poema que entre uma frase caligramática e uma série de gritos, fazia o elogio da industria tipográfica; incluía a colaboração de uma tal “Violante de Cysneiros (?)”, com ponto de interrogação, como se alguém não se responsabilizasse pela sua autoria; incluía a “Ode Marítima” de Álvaro de Campos, com todo o seu sadomasoquismo, e poemas interseccionistas de Fernando Pessoa, que parecia passar de um mundo nebuloso, o do paulismo, para um outro, o do interseccionismo. *Orpheu 2* já nem precisava, a bem dizer, de um programa ou de um manifesto para cativar a atenção, até porque Pessoa já transitava para o sensacionismo, embora a promessa ainda se mantivesse. Na página 83, lê-se: “O *Manifesto da Nova Literatura*, que havia sido anunciado como devendo fazer parte do n.º 2 de ORPHEU, não

é nêle inserto nem o acompanha”. O motivo? Problemas, por assim dizer, técnicos: “envolvendo a confecção dêsse manifesto o desenvolvimento de principios de ordem altamente scientifica e abstracta, êle não pôde ficar concluido a tempo de ser inserto”.

Qual teria sido esse manifesto? Uma possibilidade é que desse texto se tenham conservado rascunhos no espólio pessoano e que um dos vários textos encimados pela indicação “Manifesto” em *Sensacionismo e Outros Ismos* (2009) possa ser um testemunho do *Manifesto da Nova Literatura*. Por exemplo, talvez se tratasse do último texto do capítulo III, dedicado ao Interseccionismo, atendendo a que “foi manuscrito numa folha em que já constavam os nomes de Raul Leal e Violante de Cysneiros (Côrtes-Rodrigues), colaboradores do 2.º número de *Orpheu*” (PESSOA, 2009, p. 131):

Manifesto:

Antigamente os homens não tinham perfeita consciencia de si-propios. Só modernamente é que isso acontece. Só modernamente, portanto, pode haver uma *arte verdadeira*.

Antigamente existia mais o mundo-exterior que o interior, que, hoje, desde Kant, reconhecemos como o *unico real*. A arte grega é toda falsa.

Mediante as *velocidades* e as complicações materiaes creadas pelos productos da sciencia, conseguimos que a Materia nos fizesse compenetrados da vertigem do Espirito, da actividade espiritual.

Pela *Machina*, pela *Sciencia*, a Materia espiritualizou-se, porque a Sciencia é a espiritualização da Materia, a imposição, a ella, do Espirito. Porisso só modernamente começa a perfeita conformidade da Materia com o Espirito, a Edade de Urano que vae raiar.

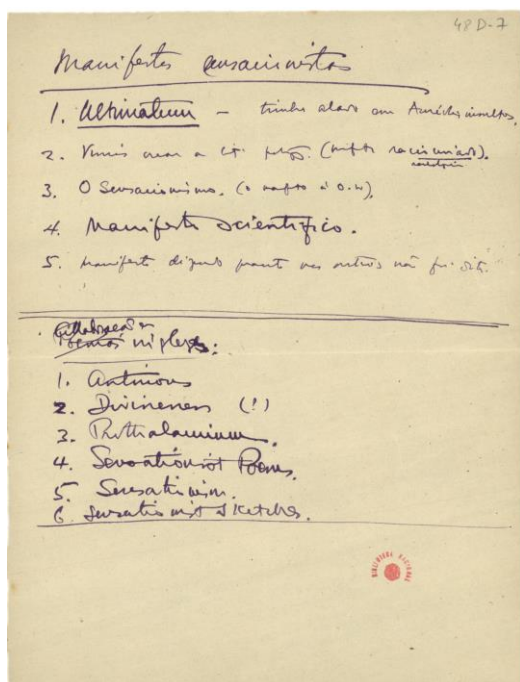
Interseccionismo analytico.

(PESSOA, 2009, pp. 130-131)

Não sei se este texto requeria “o desenvolvimento de principios de ordem altamente scientifica e abstracta”, mas o certo é que a fusão deste texto com os outros intitulados “Manifesto” teria obrigado Pessoa a preparar um texto único, analiticamente complexo e demorado.

Num texto anterior ao presente, intitulado “*Orpheu*: não falta um prefácio-manifesto?” (PIZARRO, 2015), remeti para uma hipótese já levantada em *Sensacionismo e Outros Ismos* (2009): tal como podemos percorrer os textos sobre interseccionismo, em que Pessoa se aproxima de uma literatura “decomposicional”, visto que a sucessão paulismo-interseccionismo-sensacionismo tem um correspondente nos períodos do cubismo – pré-analítico, analítico e sintético –, também podemos percorrer os textos que compõem a génese do *Ultimatum* de Álvaro de Campos, que começa a ser escrito em 1914 e que, no

início, carece de atribuição autoral. Neste sentido, convém inserir o fac-símile de uma lista de *Manifestos sensacionistas* (PESSOA, 2009, p. 334), que nos revela quantos manifestos Pessoa imaginava escrever por volta de 1915, o que aumenta a nossa perplexidade ao não encontrarmos nenhum nas páginas da revista, ou em opúsculo ou folheto.



Manifestos sensacionistas

1. *Ultimatum* – timbre alado em Auréola: insulto.
2. Vimos criar a lit. portugueza.
(manifesto sociologico).
3. O Sensacionismo.
(manifesto á O[scar] W[ilde]).
4. Manifesto científico.
5. Manifesto dizendo quanto nos outros não foi dito.

Collaboração em *inglês*:

1. Antinous
2. Divineness (?)
3. Prothalamium.
4. Sensationist Poems.
5. Sensationism.
6. Sensationist Sketches.

O primeiro manifesto é o texto que se destinava, originalmente, à revista *Europa*, anterior a *Orpheu*, que abriria com um texto escrito “com collaboração ocasional do Sá-Carneiro”, sendo, segundo Pessoa, “uma das principaes afirmações a da nossa necessidade de ‘reagir em Leonino’ contra o ambiente” (PESSOA, 2009, p. 88). Esse texto seria o seguinte:

1. Dado ser proximo, o definitivo aparecimento do poeta maximo da nossa Raça, e do Mundo Moderno, já anunciado, mesquinamente é certo, pelo nome ainda pouco aureo e sem nexos sphyngico de super-Camões; certa a necessidade de reagir em Leonino contra a Vida, como a entendem os que vivem e trabalham; incurso em resvalamentos para popular o intuito pictural de se fazer entender – convem dar á Revolta dos Superiores a sua Bandeira Errada e ao Elmo Essencial do Brazão outro e remoto o seu Timbre alado em auréola.
2. Os futuristas – embolal-os, Europa estropiada, salchicharia de ansias, fogos-fátuos ás avessas, ruinas do Moderno...

Os cubistas – escada abaixo! cosinheiros de geometria, *ex-choques-de-comboios* recuando ferrugentos, caixotes abertos no Caes – para quê tão pouco e tão em emigração da Extranheza?
O Orphismo – descabelal-o. A agua de Apollinaire – deitar fóra a agua e a garrafa depois. Todas as artes e ismos e istas... provincias em Paris... cubismos que perderam o chapéu... vinho do Porto fechado em Londres.
– Nota para os sequestrados – o vinho do snr. Guilherme Apollinaire. (PESSOA, 2009, p. 115).

A revista *Orpheu* acabou por aparecer sem um manifesto, mas diversos textos, de diversa índole, poderiam ter acompanhado um dos números. Hoje, em retrospectiva, podemos ler alguns desses fragmentos e imaginar o seu enquadramento no espaço da revista ou no tempo dela.

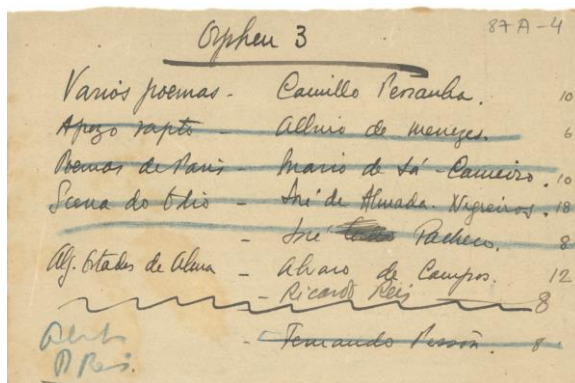
Não é apenas a ausência de um texto mais ou menos programático o que me surpreende. Surpreende-me também a ausência de outros textos de Álvaro de Campos, que, em 1915, é o melhor leitor de José de Almada Negreiros – daí as dedicatórias mútuas de poemas – e que, por vezes, quase parece um heterónimo almadiano. Em 1915, quem escrevia os textos mais violentos, mais desassossegadores, mais politicamente incorrectos, mais “futuristas e tudo”, mais sensacionistas eram, sem dúvida, Campos e Almada. Porque não surgiu em *Orpheu* a “Saudação a Walt Whitman”, que tanto deve a “A Cena do Ódio”? Porque permaneceu a “Ode Marcial”, que fala da Grande Guerra, arquivada nas arcas pessoais? Porque não chegou o *Ultimatum* a ser órfico? Talvez tenha sido apenas uma questão de falta de tempo e de recursos. É pelo menos essa a impressão que os planos nos deixam.

Passemos a *Orpheu* 3 e vejamos o que poderia ter incluído. Lembremos, antes, que as provas de página de 1917, tardiamente reveladas, tinham mais poemas de Sá-Carneiro, mais poemas de Pessoa (a gramática de “A Voz de Deus” teria gerado incompreensões), “A Cena do Ódio” de Almada, um texto de Coelho Pacheco – que Octavio Paz considerou uma pobre imitação de Campos (PAZ, 1962, p. 21) – e outros textos esquecidos, que dificilmente revoltariam alguém. Nas provas de página não surge Campos, que tinha agitado em 1914-1915 mais do que Pessoa. O poeta escreve:

Lembro-me do Almada Negreiros, depois de ler com entusiasmo a ‘Ode Triumphal’, me sacudir fortemente pelo braço, vista a minha falta de entusiasmo, e de me dizer quasi indignado: ‘Isto não sera como v. escreve, mas o que é é a vida’. Senti que só a sua amizade me poupava à afirmação implícita de que Alvaro de Campos valia muito mais do que eu (PESSOA, 2009, p. 89).

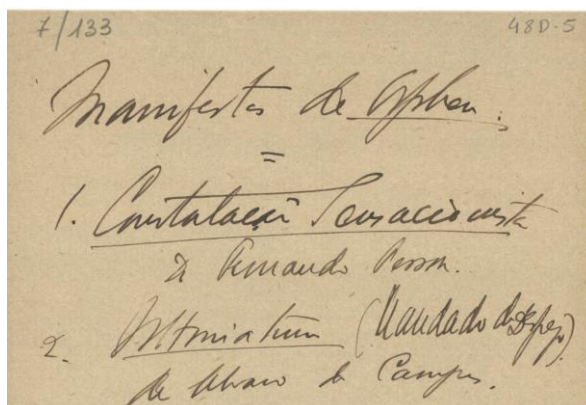
E Sá-Carneiro numa carta a Pessoa: “Álvaro de Campos, meu caro amigo, não é maior com certeza que Fernando Pessoa, mas consegue ser mais interessante do que ele” (carta de 24-XII-1915, em coleção particular). Porém, Campos tinha sido contemplado em diversos momentos.

Em carta de 31 de Agosto de 1915, Sá-Carneiro responde a Pessoa: “Concordo intensamente com tudo quanto você diz do *Orfeu 3*. Claro que é imprescindível o nosso Engenheiro – e vincadamente pelas razões que aponta: *Capital* etc.” (cota 115⁶-69). No plano inserido nessa carta, surge outro dos poemas do livro *Arco de Triunfo*: “A Passagem das horas”. De certa forma, todos os textos do livro foram contemplados, mas o livro nunca foi concluído, porque depois da “Ode Triunfal” e da “Ode Marítima”, Pessoa nunca terminou as outras peças centrais: “Saudação a Walt Whitman”, “Ode Marcial” e “A Passagem das Horas” (cf. PESSOA, 2014, pp. 374-376). Ora, num plano de 1916, em que surge Camilo Pessanha, que seria publicado pela *Centauro*, Campos e Almada continuam a figurar (PESSOA, 2009, pp. 79-80), tal como numa lista de “Manifestos de *Orpheu*”, de 1917 (PESSOA, 2009, p. 74), ou numa separata de *Portugal Futurista* (disponível em <<http://purl.pt/17263>>). Se *Orpheu 3* tivesse vindo a público ainda em vida de Pessoa, talvez dois poemas afins tivessem surgido juntos: a “Cena” e a “Saudação”.



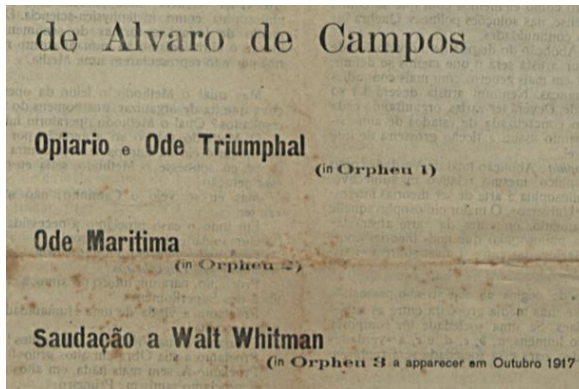
Orpheu 3

Varios poemas — Camillo Pessanha.	10
Apoz o rapto — Alvaro de Menezes.	6
Poemas de Paris — Mario de Sá-Carneiro.	10
Scena do Odio — José de Almada-Negreiros.	18
□ — José Pacheco.	8
Alg. Estados de Alma	—
Alvaro de Campos.	12
— Ricardo Reis.	8
— Fernando Pessoa.	8



Manifestos de *Orpheu*.

1. *Constatação Sensacionista* de Fernando Pessoa.
2. *Ultimatum (Mandado de Despejo)* de Alvaro de Campos.



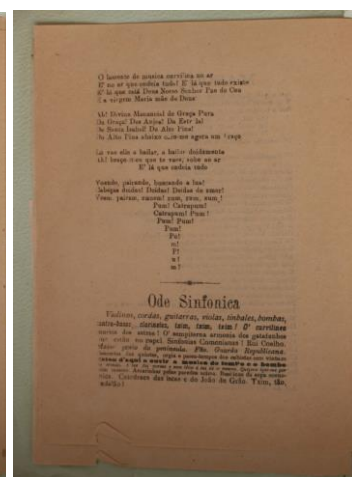
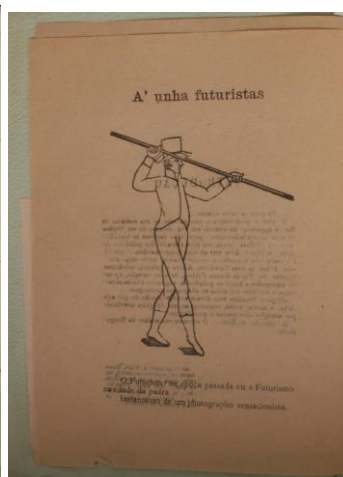
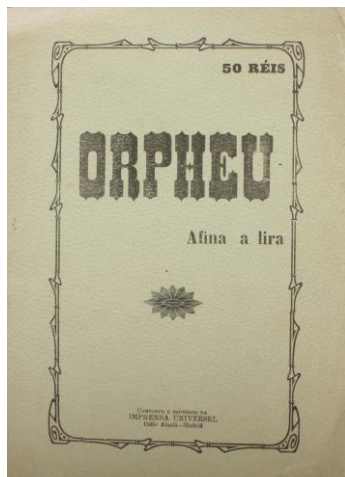
de Alvaro de Campos

Opiario e Ode Triumphal (in Orpheu 1)

Ode Maritima (in Orpheu 2)

Saudação a Walt Whitman (in Orpheu 3
a aparecer em Outubro 1917)

Orpheu poderia, enquanto publicação, ter contido textos ainda mais escandalosos e ter sido ainda mais criticada. Não o foi, em parte, porque o número 3 não saiu e porque o *Ultimatum* e as suas separatatas quase nem chegaram a circular. Bastaram, porém, dois números, sem programa nem manifesto nem textos mais violentos do que os de Campos ou mais desconcertantes do que os de Sá-Carneiro, para que uns revoltados anónimos fizessem circular um *Orpheu* apócrifo e para que Pessoa tenha programado não apenas a defesa da revista, mas também a sua crítica, com o fim de aumentar a visibilidade da mesma (havia já constatado, com entusiasmo, “Somos o assunto do dia em Lisboa”, PESSOA, 2009, p. 374).



(Disponível em: <<http://casafernandopessoa.cm-lisboa.pt/bdigital/8-638MN>>).

O local de impressão indicado no interior é Madrid e a tipografia chama-se Imprimerie Universel, o que permite supor que terá sido impresso em Lisboa, por quem não sabia francês e queria criar uma ficção espanhola. É este o folheto ao qual Sá-Carneiro faz

referência numa carta de 23 de Agosto 1915: “Pelos coisas q[ue] me diz terem saído vejo que se falou bastante do *Orfeu* – m[ui]to sintomático do sucesso a venda publica – logo: como ‘negocio’ – dum panfleto sobre o caso. Embora sem interesse gostava de o ver. Decerto você o arquivou no entretanto”. Nessa mesma carta, Sá-Carneiro acrescenta: “Peço-lhe m[ui]to que não descure o rebuscamento dos jornais” (cota 115⁶-59^v).

O *Orpheu* apócrifo tem, efectivamente, escasso interesse – e pode hoje ser consultado no site da Biblioteca Digital de Fernando Pessoa. Bem mais interessante, porém, é o facto de Pessoa ter projectado um folheto contra *Orpheu*, talvez em Julho ou Agosto de 1915. Nesse folheto, também publicado em *Sensacionismo e Outros Ismos* (PESSOA, 2009, pp. 62-64), Pessoa oferece-nos a “melhor” crítica à revista, quase intimando a que o nível da crítica contra a revista fosse mais elevado; quase requerendo que existissem contendas, mas que estas tivessem alguma profundidade e conteúdo. Citando “Manucure”, um poema que talvez tenha ajudado a compor tipograficamente, diz Pessoa: “no *Manucure* o sr. Sá-C[arneiro] inseriu annuncios de coisas futeis. Ora sem duvida que seria genial cantar o annuncio, mas o interessante era fazel-o sem inserir esses annuncios em typo quase de cartaz!”. De si próprio, escreve: “O Marinheiro do sr. F[ernando] P[essoa] é de partir a cabeça mais solida. Ninguem percebe nada, salvo, aqui e alli, umas frases que era melhor não perceber. Em todo o caso, o sr. tem a grande vantagem de não cometer immoralidades nem espalhafatos”. Sobre os colaboradores brasileiros, tem duas frases lapidares: “O sr. R[onald] de C[arvalho] é um exemplo de symbolista, assim como o sr. Ed[uardo] Guimarães. O crime de ambos é muito menor”. E sobre um verso da “Ode Triunfal”, altamente escandaloso, “Ó automoveis apinhados de pândegos”, interroga-se como um moralista: “Qual é a necessidade d’esta ultima palavra? Nenhuma. É porque é obscena que o autor a emprega”. Pessoa não foi apenas o seu melhor crítico num sentido positivo – no sentido em que Eduardo Lourenço o entende –, mas também o seu melhor crítico num sentido negativo, quando, para gerar discussão, tentava ser o diabo, o advogado do diabo e o acusador do diabo.

Encetei este artigo observando que a revista *Orpheu* (1915) foi o epicentro de um breve terramoto nas letras lusas, e tenho vindo a sugerir que esse desastre artístico poderia ter tido uma amplitude bastante maior. O investigador Steffen Dix costuma citar uma passagem do diário de Aleister Crowley, “God once tried to wake up Lisbon – with an earthquake; he gave it up as a bad job” (in PASI, 2012, p. 264), concluindo, como bom

alemão: Nem com um terramoto Deus conseguiu despertar Lisboa. Pessoa deverá ter sentido que *Orpheu* não agitara suficientemente o ambiente literário – basta abrir a revista *Atlântida*, uma publicação “lepidóptera”, contemporânea da *Orpheu*, para o confirmar. Apercebeu-se, porém, que havia contribuído para que algo de marcante sucedesse, visto que, por volta de 1917, imaginou um diálogo entre Fernando Pessoa e Vicente Guedes, em que se referia à revista nos seguintes moldes:

Fallei-lhe da revista *Orpheu*, que havia pouco apparecera. Elle elogiou-a, elogiou-a bastante, e eu então pasmei de veras. Permitti-me observar-lhe que estranhava, porque a arte dos que escrevem em *Orpheu* soe ser para poucos. Elle disse-me que talvez fôsse dos poucos (PESSOA, 2013, p. 34).

Pessoa continuou, além disso, a fazer horóscopos e cálculos astrológicos que dizem respeito a *Orpheu* muito depois de 1915, legou-nos umas páginas em que narra a história da revista, nunca abandonou o sonho de publicar *Orpheu 3* – em 1915, entre 1915-1917, ou ainda em 1935 – e afirmou por diversas vezes que, ainda que *Orpheu* terminasse, *Orpheu* haveria de continuar. Hoje sabemos o lema de cor: *Orpheu* terminou; *Orpheu* continua (cf. PESSOA, 1935, p. 3). De facto, *Orpheu* é hoje mais do que *Orpheu*. É a revista, mas é também uma geração, um movimento, um momento histórico e um conjunto de recordações e homenagens. É ainda a sua frescura e precocidade. Talvez convenha lembrar a surpresa de Octavio Paz quando descobriu *Orpheu* e, nomeadamente, Fernando Pessoa. Paz não hesitou em afirmar que a poesia moderna tinha surgido mais cedo em Portugal que em Espanha, ou nos países de língua espanhola (PAZ, 1962, p. 28). Como poderiam certas composições ser apreciadas e não gerar desassossego? *Orpheu* poderia ter tido um programa ou um manifesto, poderia ter contido outros textos veementes, mas poemas como a “Ode Marítima” foram já um autêntico tsunami. Nem dez ultimatatos e dez manifestos da nova literatura provocariam um tamanho deslocamento de massas linguísticas. Por isso, na ausência de um texto-proclama, talvez convenha considerar *Orpheu*, no seu conjunto, uma revista-manifesto.

Bibliografia

BARRETO, José. “O ano do *Orpheu* em Portugal”, in *1915 – O Ano do Orpheu*, Lisboa: Tinta-da-china, 2015, pp. 67-95.

DIX, Steffen. “O ano de 1915. Um mundo em fragmentos e a normalização dos extremos”, in *1915 – O Ano do Orpheu*, Lisboa: Tinta-da-china, 2015, pp. 15-34.

NEGREIROS, José de Almada. *Orpheu 1915-1965*. Paginação de Rita Lynce sobre maquete original e concepção gráfica de José de Almada Negreiros em 1965. Lisboa: Ática, 2015.

ORPHEU. Edição fac-similada da revista. Lisboa: Tinta-da-china, 2015. Tipo de capa: caixa forrada a tecido e serigrafada. Edição exclusiva e numerada, que inclui fac-símiles perfeitos dos números 1 e 2, bem como as provas tipográficas do número 3.

PASI, Marco. “September 1930, Lisbon: Aleister Crowley’s lost diary of his Portuguese trip”. *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 1, Primavera, 2012, pp. 253-283.

Disponível em:

<https://www.brown.edu/Departments/Portuguese_Brazilian_Studies/ejph/pessoaplural/Issue1/PDF/I1A07.pdf>.

PAZ, Octavio. “El desconocido de sí mismo”, in *Antologia* [de Fernando Pessoa], México: UNAM, 1962, pp. 11-40.

PESSOA, Fernando. *Livro do Desassossego*. Edição de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Tinta-da-china, 2013.

_____. “Nós os de ‘Orpheu’”. *Sudoeste*, n.º 3, Lisboa, Novembro, 1935, p. 3.

_____. *Obra Completa de Álvaro de Campos*. Edição de Jerónimo Pizarro e Antonio Cardiello; colaboração de Jorge Uribe e Filipa Freitas. Lisboa: Tinta-da-china, 2014.

_____. *Sensacionismo e Outros Ismos*. Edição crítica de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2009.

PIZARRO, Jerónimo. “*Orpheu*: não falta um prefácio-manifesto?”. *Nova Águia – Revista de Cultura para o Século XXI*, n.º 15, Sintra, Zéfiro, 2015, pp. 16-18.